

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

4 e 7 de Janeiro e 4 de Fevereiro de 2022

FLIGHT NURSE / 1953

um filme de ALLAN DWAN

Realização: Allan Dawn *Argumento:* Alan LeMay *Fotografia:* Reggie Lanning *Som:* Earl Crain *Montagem:* Fred Allen *Música:* Victor Young *Direcção artística:* James Sullivan *Guarda-roupa:* Adele Palmer *Cenários:* John McCarthy Jr., Charles Thompson *Efeitos Especiais:* Howard e Theodore Lydecker *Interpretação:* Joan Leslie (Tenente Polly Davis), Forrest Tucker (Capitão Bill Eaton), Arthur Franz (Capitão Mike Barnes), Jeff Donnell (Tenente Ann Phillips), Ben Cooper (Soldado Marvin Judd), James Holden (Sargento Frank Swan), Kristine Miller (Tenente Kit Ramsey), Maria Palmer (Capitã Martha Ackerman), Dick Simmons (Tenente Tommy Metcalfe), James Brown (engenheiro de voo), Hal Baylor (Sargento Jimmy Case).

Produção: Republic Pictures (Estados Unidos da América, 1953) *Cópia:* 16 mm preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 90 minutos *Estreia:* 4 de Novembro de 1953, em Washington D.C. *Títulos alternativos:* *Angels Take Over; Angels over Korea* *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA

O ruído de fundo da cópia 16 mm que vamos apresentar é constante e interfere por vezes com a perceptibilidade dos diálogos.

As grandes investidas de Allan Dwan no território cinematográfico da guerra são dois filmes da II Guerra Mundial: *Sands of Iwo Jima* (1949), que “no seu total despojamento de efeitos é um dos [filmes de guerra] que mais se aproximam do que poderia ser um documentário reconstituído sobre o conflito” (escreveu em tempos Manuel Cintra Ferreira) e *The Wild Blue Yonder* (1951), centrado no conflito no Pacífico e num bombardeiro, em que o realizador sobretudo se interessou pela peça de cenário moldada à mise-en-scène a partir de um B-29 verdadeiro e verdadeiramente levado para os *plateaux* da Republic. Também da Republic, estúdio em que Dwan foi feliz a partir de 1946, 35 anos depois do começo na realização do cinema pré-Hollywood, *Flight Nurse* regressa aos aviões, numa história ambientada na Guerra da Coreia (como volta a suceder em *Hold Back the Night*, 1956). Sem um herói como John Wayne em *Sands of Iwo Jima*, sem uma personagem como o Major Tom de Forrest Tucker em *The Wild Blue Yonder*, *Flight Nurse* baseia-se na história verídica de Lillian Kinkella Keil, a enfermeira da força aérea então reconhecida como a mulher mais condecorada da história militar americana – e que esteve envolvida na produção; há sorridentes fotografias suas com a actriz que protagoniza o filme. A personagem da Tenente interpretada por Joan Leslie chama-se Polly Davis. Uma *flight nurse*, em trocadilho com a *night nurse* que Barbara Stanwyck faz vibrar no filme homónimo de 1931 de William Wellman. Nada que ver, difícil não lembrar (por técnicas que sejam as expressões *night* e *flight nurse*, referindo faces do ofício da enfermagem).

Em *Flight Nurse* (não em *Night Nurse*) entramos num filme “respeitosamente dedicado à brava legião militar de enfermeiras que servem nas forças armadas das nações livres por todo o mundo. Estes Anjos da Misericórdia – partilham, ombro a ombro, o perigo e as agruras dos homens livres que combatem por toda a parte, com devoção além de responderem à chamada do dever”. A Tenente Davis está embarcada num voo para o Japão numa primeira missão com a unidade de médica de evacuação, na expectativa da proximidade com o namorado piloto de helicópteros (o Capitão Mike Barnes, interpretado por Arthur Franz). É dela a voz *off* inicial, que volta a espaços no filme seguindo a narrativa da sua aventura baseada em Tachikawa. A guerra está em fundo, infiltrada na narrativa

que trata da retirada de feridos e pacientes da frente de combate, e inequivocamente no material de arquivo nele integrado, imagens documentais da frente onde os combates se travavam, longínquos do palco de rotação do estúdio californiano da Republic (na verdade, a legenda inicial indica a colaboração do Departamento de Defesa da Força Aérea com a produção que parece ter contado com três tipos de avião – o C-54 Skymaster, C-47 Skytrain e o Sikorsky H-5). Construído à volta da sua protagonista feminina, *Flight Nurse* dá conta do corajoso embate com a experiência de guerra, enredando-se na teia emocional para a qual concorrem o desencontro de Polly com Mike e o seu encontro anunciado com Bill, o capitão de Forrest Tucker que, apaixonando-se por ela cedo no filme, o atravessa a salvá-la uma e outra e outra vez de desaires e perigos recorrentes.

Exemplo da produção série B da Republic Pictures, este Dwan não atinge os píncaros dos seus trabalhos mais surpreendentes. Falta-lhe a exploração coreográfica do espaço que dá forma a tantos dos seus filmes, como *Passion* (1954), para citar um título contíguo, embora o espaço interior das aeronaves de *Flight Nurse* seja optimamente enquadrado, como o são os planos em fila indiana dos botes salva-vidas numa das cenas de salvamento. Ou falta-lhe a adrenalina de outro filme do mesmo ano (estreado pouco antes, a 20 de Março de 1953), o espantoso western de solidariedade feminina *Woman They Almost Lynched*, em que, como noutros Dwan, as mulheres tomam conta dos papéis e atiram as convenções às urtigas com toda a garra e toda a graça. E no entanto, “à superfície um filme rotineiro, *Flight Nurse* é razoavelmente original dando a ver a guerra do ponto de vista de uma enfermeira que é tão elegante como generosa. Longe de esconder os seus atributos debaixo do uniforme, ela ostenta-os para afirmar o direito à vida e à beleza. Dwan compõe então uma espécie de ritual erótico dela a maquilhar-se, em especial a pôr batom nos lábios: empática com os seus pacientes feridos, Joan Leslie tem consciência de que o seu poder de sedução lhes dá tanto conforto como os cuidados médicos que lhes dispensa. Desejando-a, ligam-se às suas mulheres e namoradas. Ao desejo é dado o mesmo poder que o da prece no que à cura diz respeito”. Faz sentido, a observação de Michael Henry Wilson (o texto intitulado “Allan Dwan’s Moral Tales” está disponível em inglês num dossier especial da revista virtual *Lumière* dedicado ao realizador em 2014, com edição de David Phelps e Gina Telaroli) e Joan Leslie tem essa versatilidade e essa força, de que igualmente tira partido em *Woman They Almost Lynched*. Os primeiros planos da Tenente Davis a bordo de *Night Nurse*, desembaraçadamente a arranjar-se envergando um soutien branco, começam por afirmar a naturalidade feminina da personagem alinhando pela sua perspectiva (simplifiquemos dizendo que não são planos predatórios). Ainda que a intriga favoreça uma dimensão romântica, caracteriza-se de imediato a assertividade daquela enfermeira militar.

Que Dwan é um realizador extraordinariamente aberto ao raio de acção de uma mulher é algo que se aprende vendo os seus filmes. No texto ainda há pouco citado o historiador francês nota como ele é, ao lado de Raoul Walsh (outro discípulo de D.W. Griffith), um dos primeiros “a feminizar o filme de aventuras”. Talvez a expressão soe mal em 2022 mas serve adequadamente o argumento de que Dwan (que filmou entre 1911 e 1961, não é excessivo sublinhar) dá palco às suas heroínas em géneros tradicionalmente masculinos, do western ao filme criminal, além dos filmes românticos ou das comédias de costumes, começando nos anos 1920 como lembrará quem viu Gloria Swanson em *Manhandled*. Wilson argumenta que os próprios títulos remetem para as suas protagonistas mulheres – como *Flight Nurse* e *Woman They Almost Lynched* (que não elenca) ou *Driftwood*, *Angel in Exile*, *Belle le Grand*, *Montana Belle*, *Pearl of the South Pacific* e *Cattle Queen of Montana*. Todos eles filmes em que as estrelas brilham com a vitalidade das suas personagens e a atenção do cineasta.

Maria João Madeira